

# A cidade-oficina: o patrimônio cultural de Juazeiro do Norte e o desenvolvimento regional sustentável

## The city-workshop: Juazeiro do Norte cultural heritage and sustainable regional development

Regivania Rodrigues de Almeida\*  
<https://orcid.org/0000-0001-8405-680X>

Marcelo Martins de Moura Fe\*\*  
<https://orcid.org/0000-0002-0336-557X>

Mônica Virna de Aguiar Pinheiro\*\*\*  
<https://orcid.org/0000-0002-2268-5413>

### Resumo

Juazeiro do Norte é uma das cidades mais importantes do interior do estado do Ceará e um centro polarizador da Região Metropolitana do Cariri (RMCariri), região sul cearense e estados circunvizinhos do Nordeste. Os acontecimentos do milagre da hóstia em 1889, envolvendo o padre Cícero e a beata Maria de Araújo, motivaram grandes levadas migratórias com destino ao Juazeiro. Com o surgimento da indústria artesanal na primeira metade do século XX, a cidade iniciou um processo de crescimento comercial, abrindo caminho para o desenvolvimento regional. Com pessoas vindas de várias localidades, o lugar tornou-se um grande mosaico representativo e simbólico, criando um cotidiano rico em experiências e culturas, formando ao longo do tempo, um importante patrimônio cultural. O objetivo é apresentar os conceitos de patrimônio, identidade e memória, contextualizando o surgimento das oficinas artesanais em Juazeiro do Norte, correlacionadas à constituição de um diversificado patrimônio cultural e ao desenvolvimento regional. O roteiro teórico-metodológico tem uma abordagem qualitativa, centrado nos conceitos de patrimônio, identidade e memória, configurando uma revisão de literatura e

---

\* Mestra em Desenvolvimento Regional Sustentável-PRODER pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: regivaniadealmeida@gmail.com

\*\* Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Professor do Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri (Degeo/URCA). Professor permanente do mestrado acadêmico em Geografia (Geoceres/UFRN) e do mestrado acadêmico em Desenvolvimento Regional Sustentável (Proder/UFCA). E-mail: marcelo.mourafe@urca.br

\*\*\* Doutora em Ciências Marinhas Tropicais pelo Instituto de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). E-mail: monica.pinheiro@prof.ce.gov.br

pesquisa documental, seguidas de uma análise integrada dos dados, para refletir sobre a constituição do patrimônio cultural, a partir dos saberes desenvolvidos nas oficinas artesanais em Juazeiro do Norte. Ao compreender a cultura, como dimensão da sustentabilidade, busca-se contribuir para que os saberes e fazeres sejam valorizados e preservados como patrimônio, estimulando a comunidade a usufruir dos bens culturais, através do conhecimento e apropriação de seu contexto social, e dessa forma, promover o desenvolvimento regional sustentável.

**Palavras-chave:** Cultura. Patrimônio Cultural. Saberes. Desenvolvimento Regional Sustentável.

### Abstract

Juazeiro do Norte is one of the most important cities in the interior of the state of Ceará and a polarizing center for the Metropolitan Region of Cariri (RMCariri), the southern region of Ceará and surrounding states in the Northeast. The events of the miracle of the host in 1889, involving Father Cícero and Blessed Maria de Araújo, motivated large waves of migration heading to Juazeiro. With the emergence of the artisanal industry in the first half of the 20th century, the city began a process of commercial growth, paving the way for regional development. With people coming from various locations, the place has become a large representative and symbolic mosaic, creating a daily life rich in experiences and cultures, forming, over time, an important cultural heritage. The objective is to present the concepts of heritage, identity and memory, contextualizing the emergence of artisanal workshops in Juazeiro do Norte, correlated to the constitution of a diverse cultural heritage and regional development. The theoretical-methodological guide has a qualitative approach, centered on the concepts of heritage, identity and memory, configuring a literature review and documentary research, followed by an integrated data analysis, to reflect on the constitution of cultural heritage, based on knowledge developed in artisanal workshops in Juazeiro do Norte. By understanding culture, as a dimension of sustainability, we seek to contribute so that knowledge and practices are valued and preserved as heritage, encouraging the community to enjoy cultural assets, through knowledge and appropriation of their social context, and in this way, promote sustainable regional development.

**Palavras-chave:** Culture. Cultural Heritage. Knowledge. Sustainable Regional Development.

## Subindo as portas da oficina – Introdução

Considerada como um sistema de símbolos, com significados e sentidos próprios, a cultura define identidades e determina padrões segundo os quais o

ser humano deve atuar no meio que o circunda, de forma a integrar-se a esse meio, tornando-se parte dele, compartilhando do mesmo sistema simbólico e transmitindo-o entre as gerações<sup>1</sup>. Nesse sentido, a cultura passa a ser mais que um substrato da dimensão social da sustentabilidade, colocando-se como um forte eixo de sustentação da vida coletiva, e como tal, pode ser percebida como parte integrante e, ao mesmo tempo, determinante da construção do conceito de sustentabilidade<sup>2</sup>.

A “localização cultural” dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável-ODS (Agenda 2030) em cada contexto específico; o papel dos conhecimentos tradicionais e das práticas culturais para alcançar as metas estabelecidas; e o reconhecimento das atividades culturais como afirmação da dignidade humana, são três eixos complementares que apontam para a necessidade de continuar promovendo o reconhecimento da cultura nas abordagens do desenvolvimento sustentável<sup>3</sup>.

Para de fato alcançar a sustentabilidade, é necessário que haja equilíbrio entre os campos do econômico, ambiental e social, abordando a cultura como uma das dimensões da sustentabilidade, onde é necessário que haja valorização das pessoas, seus costumes e seus saberes, estabelecendo uma visão holística da sociedade e colocando-se além da gestão dos recursos naturais, em busca de transformar o atual modelo de civilização<sup>4</sup>.

Após os acontecimentos dos fatos extraordinários em 1889, envolvendo o padre Cícero Romão Batista e a beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, o povoado de Juazeiro passou a vivenciar outro cotidiano, com as intermitentes levadas de pessoas que chegavam à localidade, vindas inicialmente da região do Cariri cearense e, em seguida, de várias partes do Nordeste e do país, alterando a partir de então, a rotina do lugar e dos moradores<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> CHACON, Suely; NEVES, Francisco Grangeiro. “O papel da cultura na construção da sustentabilidade: um olhar a partir do assentamento agrifama no Cariri cearense”. In *Educação ambiental e sustentabilidade III*. Fortaleza: Edições UFC, 2011; SANTANA, Gisane Souza; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. “Identidade, memória e patrimônio: a festa de Sant’Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA)”. In *Textos escolhidos de cultura e artes populares*. Rio de Janeiro, 2015, v.12, n.1, p. 87-102.

<sup>2</sup> CHACON; NEVES, *op.cit.*

<sup>3</sup> BALTÀ, Jordi; PASCUAL, Jordi. “A cultura nos ODS: perspectivas a partir da ação local e da agenda 21 da cultura”. In *Revista Observatório Itaú Cultural*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020, n. 27, abr.-out., p. 34-45. [https://issuu.com/itaucultural/docs/revista\\_obs27\\_final](https://issuu.com/itaucultural/docs/revista_obs27_final). Acesso em: 08 out. 2023.

<sup>4</sup> SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

<sup>5</sup> ARAÚJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011; BARROS, Luitgarde Oliveira. *Juazeiro do Padre Cícero, a terra da mãe de Deus*. 3ª ed. Fortaleza: Editora ImepH, 2014; CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Nas primeiras décadas do século XX, Juazeiro do Norte tornou-se uma cidade-oficina<sup>6</sup>, onde o cotidiano equalizou sociabilidades, costumes, atividades de produção, práticas e manifestações, criando uma grande diversidade de identidades culturais e memórias, que formaram ao longo das gerações, um importante patrimônio cultural. Nos dias atuais, torna-se relevante considerar a aproximação articulada entre patrimônio cultural e desenvolvimento sustentável, com vistas a preservar os lugares de memórias, assegurar a qualidade do ambiente e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos grupos sociais, satisfazendo as necessidades do presente e das gerações futuras<sup>7</sup>. Nesse contexto, considerando a cultura como o fundamento da identidade de cada lugar e catalisador dos processos de integração regional<sup>8</sup>, propõe-se refletir de que forma os saberes se constituem como propulsores do desenvolvimento regional sustentável?

Para que se possa preservar um bem cultural, é importante saber não apenas que ele existe, mas sobretudo, compreender as dificuldades que a população local tem para vivenciá-lo, que tipos de problemas os afetam, como acontecem as transmissões de uma geração para outra, que transformações têm ocorrido, quem são as pessoas que hoje atuam diretamente na manutenção desses saberes, fazeres e tradições, entre vários outros aspectos relativos à existência daquele bem cultural<sup>9</sup>.

Diante disso, o objetivo do trabalho é apresentar os conceitos de patrimônio, identidade e memória, contextualizando o surgimento das oficinas artesanais em Juazeiro do Norte, correlacionadas à constituição de um diversificado patrimônio cultural, buscando contribuir para que os saberes e fazeres sejam valorizados e preservados como patrimônio, estimulando a comunidade a usufruir dos bens culturais através do conhecimento e apropriação de seu contexto social e, dessa forma, promover o desenvolvimento regional sustentável.

---

<sup>6</sup> LOPES, Francisco Regis. *O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014; JUAZEIRO DO NORTE. *Juazeiro do Norte: o coração do Nordeste*. Juazeiro do Norte-CE: Biblioteca Pública Municipal Dr. Possidônio da Silva Bem, 2020.

<sup>7</sup> BENATTI, Camila; SILVA, Rafael Teixeira da. “Patrimônio Cultural: Desafios para o desenvolvimento sustentável”. In *Revista Estudos Geográficos*. Rio Claro, XII Seminário da Pós-Graduação em Geografia, 2015, 13(0), jan./jun., 178- 196.

<sup>8</sup> CGLU. “Documento Cultura 21: Acciones”. In *Cumbre de la Cultura*. Bilbao, 2015. <https://www.agenda21culture.net/es/documentos/cultura-21-acciones>. Acesso em: 08 out. 2023.

<sup>9</sup> INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. 3ª ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

## Os modos de saber-fazer

### Roteiro percorrido

O roteiro teórico metodológico para buscar esse objetivo foi de abordagem qualitativa, com embasamento teórico centrado nos conceitos de patrimônio, identidade e memória, constituindo-se de uma revisão de literatura e pesquisa documental, seguidas de uma análise integrada dos dados, contribuindo sobremaneira, para refletir sobre a constituição do patrimônio cultural, a partir dos saberes desenvolvidos nas oficinas artesanais em Juazeiro do Norte, correlacionados ao desenvolvimento regional sustentável, compreendendo a cultura, como dimensão da sustentabilidade.

Nesse sentido, patrimônio foi considerado como conjunto de bens culturais, representativos da história e da cultura de uma sociedade<sup>10</sup>, que relacionado à memória e à identidade, motivam e estruturam a ação coletiva de um grupo social<sup>11</sup>. A identidade não pode existir sem a memória, o que caracteriza desse modo, a definição de patrimônio<sup>12</sup>. A memória coletiva se constitui em um contexto social diretamente relacionada a um lugar<sup>13</sup>, sendo, portanto, um fator fundamental para a construção da identidade e do sentimento de continuidade e pertença<sup>14</sup>.

Compreendendo o patrimônio como uma herança que se deseja comunicar ao futuro<sup>15</sup>, e a cultura como expressão da produção de bens simbólicos que definem as identidades<sup>16</sup>, constituídas numa relação dialógica com o outro<sup>17</sup>, a

<sup>10</sup> FARIAS, Taíse Costa de. "Patrimônio cultural: a indissociabilidade do patrimônio material e imaterial na cidade de Pombal/PB". In [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2011.

<sup>11</sup> ROCHA, Aline Maria Matos. "Quando o patrimônio se movimenta: memória e identidade como estruturantes da ação coletiva". In *Patrimônio, povos do campo e memórias: diálogos com a cultura, a arte e a educação* [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2020, p. 33-45. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8hp3p/pdf/oliveira-9786587108605-03.pdf>. Acesso em: 08 out. 2023.

<sup>12</sup> CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.

<sup>13</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

<sup>14</sup> POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". In *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1992, v. 5, n.º. 10, p. 200-212. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 08 out. 2023.

<sup>15</sup> SILVA, Elsa Peralta. "Patrimônio e identidade: os desafios do turismo cultural". In *Antropológicas*. Lisboa, 2000, n. 4, p. 217-224.

<sup>16</sup> SANTANA; SIMÕES, *op. cit.*

<sup>17</sup> HALL, Stuart. *A Identidade cultural da pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

memória se insere como o reconhecimento e a reconstrução de experiências passadas, numa dimensão atualizada<sup>18</sup>.

Os itens e subitens apresentados neste manuscrito, propõem uma conexão com a temática abordada no trabalho, referenciando através das expressões utilizadas, os contextos das oficinas artesanais, os saberes e ofícios desenvolvidos e seus modos de fazer, que ao longo do tempo, constituíram diversos patrimônios culturais, contribuindo sobremaneira, para o desenvolvimento regional sustentável.

Realizou-se levantamentos bibliográfico e documental de materiais publicados em periódicos nacionais e internacionais, livros e capítulos, relacionados e vigentes que tratam das temáticas referentes ao patrimônio cultural, bem como informações e documentos oficiais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e das Organizações das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Foram consultados periódicos nas áreas de ciências sociais, história, ciências ambientais e áreas afins, por meio dos descritores presente no título e nas palavras-chave desse artigo, com delimitação temporal para os anos de 2000 a 2021, considerando as importantes contribuições a partir das mudanças ocorridas nos conceitos e temáticas abordadas. As buscas foram feitas nas plataformas Periódicos CAPES, Google Acadêmico, ShiELO, *Web of Science* e o *Research Gate*, além da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD-IBICT) que também foi consultada. A busca foi realizada no período de novembro e dezembro de 2022, utilizando os operadores “and” e “or”, a fim de considerar as temáticas abordadas de forma individual, bem como associadas.

A estrutura conceitual e o referencial teórico-metodológico utilizados foram problematizados a partir da concepção de cultura como fundamento da identidade local e dinamizadora de integração regional, abordando o contexto das oficinas artesanais e o desenvolvimento dos saberes em Juazeiro do Norte, cuja análise dos dados foi feita de forma integrada.

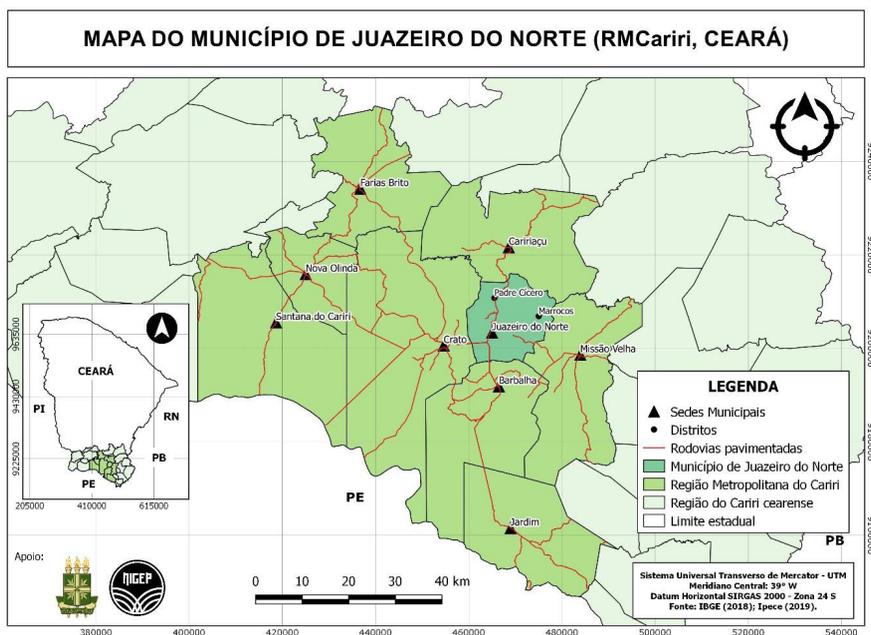
## A Cidade-Oficina

A Região Metropolitana do Cariri (RMCariri) está localizada na região sul do Ceará, no Cariri cearense. Foi instituída pela Lei Complementar nº 78/2009, sendo composta pelas cidades de Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, que formam o núcleo urbano conhecido como CRAJUBAR, com elevado potencial de

<sup>18</sup> SANTANA; SIMÕES, *op. cit.*

desenvolvimento econômico, além de Caririáçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri, com o objetivo maior de integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum<sup>19</sup>.

Figura 1 – Mapa de localização da área de estudo



Elaboração: Marcelo Moura Fé (2021). Fonte: IBGE (2018); IPECE (2019)<sup>20</sup>.

Com uma área territorial de 258,788 km<sup>2</sup>, com população registrada no último censo em 2022, de 286.120<sup>21</sup>, sendo o município com maior densidade demográfica da RMCari e o terceiro do Ceará. Possui Índice de

<sup>19</sup> CEARÁ (Brasil). *Lei Complementar Nº 78*. Diário Oficial do Estado do Ceará. Promulgada em 26 de junho de 2009. Série 3. Ano I. Nº 121.

<sup>20</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. Malha Municipal*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018; INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). *Ceará em mapas*. Fortaleza: IPECE, 2019.

<sup>21</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Panorama – Juazeiro do Norte*. 2022.

Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,694<sup>22</sup>, e em 2020, foi o 11º município com maiores investimentos públicos no Nordeste<sup>23</sup>.

A cidade dispõe de diversidade no mercado, como a presença de centros comerciais e shoppings, área médica especializada, distintas oportunidades na construção civil, a consolidação de polos gastronômicos e educacionais, com inúmeras instituições de ensino superior, públicas e privadas. Possui ainda um aeroporto regional de grande influência para outras cidades, estados e rodovias, o que tornam o município polarizador não apenas quando se analisam as cidades que compõem a RMCariri, mas toda a região sul cearense e alcançando ainda, os estados da Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte<sup>24</sup>.

## A forja de patrimônios culturais

### Do que lembramos e do que esquecemos: patrimônio, memória e identidade

Em suas diversas manifestações, desde os monumentos históricos, museus, práticas tradicionais e formas de artes contemporâneas, a cultura enriquece a vida cotidiana de inúmeras formas. O patrimônio, por sua vez, é uma fonte de identidade e coesão para as comunidades que são afetadas por mudanças e instabilidades econômicas. Tanto o patrimônio como a criatividade, constituem as bases de uma sociedade do conhecimento vibrante, inovadora e próspera<sup>25</sup>.

Para pensar o patrimônio como herança de uma seleção consciente<sup>26</sup>, torna-se importante apresentar uma concepção de cultura, pensada como todas as identidades, técnicas, modos de vida e relação entre os grupos, aquilo que constitui a sociedade humana<sup>27</sup> e que abrange as heranças de bens, processos técnicos, hábitos e valores, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais a humanidade se comunica, perpetua e desenvolve seu conhecimento e suas atitudes acerca da

<sup>22</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *IDH*. 2010.

<sup>23</sup> FRENTE NACIONAL DE PREFEITOS (FNP). *Anuário Multicidades: finanças dos municípios do Brasil*. 2020, Ano 15, [s.l.].

<sup>24</sup> JUAZEIRO DO NORTE, *op. cit.*

<sup>25</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Cultura e desenvolvimento no Brasil*. 2021.

<sup>26</sup> SILVA, *op. cit.*

<sup>27</sup> BURNS, Peter. *Turismo e Antropologia: uma introdução*. Tradução: Dayse Batista. São Paulo: Chromos, 2002.

vida<sup>28</sup>. Da ideia original como propriedade de um indivíduo ou família, vindo do latim *patrimonium*, entendido como herança, bens de família herdados dos ascendentes, a noção de patrimônio cultural é historicamente constituída e ainda tem se transformado no tempo<sup>29</sup>.

O discurso patrimonial ligado às grandes construções e monumentos artísticos do passado, associou-se a um pensamento referente às identidades coletivas de um povo, passando a considerar o patrimônio como o conjunto de bens culturais. Numa perspectiva antropológica, buscou-se realizar estudos a partir da existência dos grupos humanos, contemplando os atores sociais e seus ambientes, nos quais se expressa a atividade humana, passando-se a valorizar as línguas, as crenças, os valores, as relações sociais, os ritos e os comportamentos, percebidos como referências culturais que necessitavam de instrumentos para salvaguarda<sup>30</sup>.

Nesse sentido, de um discurso que configurava o conceito de patrimônio restrito somente aos bens materiais, passou-se a considerar os valores simbólicos agregados ao bem cultural, evocando não apenas sua história, mas também sua memória para seus descendentes. Essa compreensão abriu novas possibilidades de interpretação do patrimônio histórico, reconhecendo a diversidade da existência humana e a inseparabilidade entre os grupos sociais e o meio ambiente<sup>31</sup>. O Decreto nº. 25 de 1937 estabeleceu como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”<sup>32</sup>. Já o Artigo 216 da Constituição Federal de 1988, aponta como Patrimônio Cultural brasileiro:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade

<sup>28</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008; MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Tradução: Marcelina Amaral. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

<sup>29</sup> CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 5ª ed. São Paulo: Estação da Liberdade: Unesp, 2006; CHUVA, Márcia Regina Romeiro. “Por uma história do Patrimônio Cultural no Brasil”. In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 2012, n. 34, p. 147-165; NUNEZ, Lorraine Oliveira. “As transformações no conceito de patrimônio do IPHAN e suas práticas de tombamento no estado do Espírito Santo”. In *Revista Faces da História*, Assis-SP, 2016, v.3, n. 2, p. 194-212, jul.-dez.

<sup>30</sup> CHOAY, *op. cit.*

<sup>31</sup> SANTANA; SIMÕES, *op. cit.*

<sup>32</sup> BRASIL. Casa Civil. *Decreto-Lei Nº 25*, de 30 de novembro de 1937. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0025.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm). Acesso em: 08 out. 2023, s.p.

brasileira, nos quais se incluem as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico<sup>33</sup>.

Vê-se, dessa forma, que a Constituição expandiu o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto, substituindo a nomenclatura “Patrimônio Histórico e Artístico” por “Patrimônio Cultural Brasileiro”. Essa alteração agregou o conceito de referência cultural e a definição dos bens aptos ao reconhecimento, principalmente os de dimensão imaterial. A Constituição designou também, uma parceria entre o poder público e as comunidades, com vistas a proteger e promover o Patrimônio Cultural Brasileiro, mesmo mantendo a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens, sob a tutela da administração pública<sup>34</sup>.

Ao abordar o conceito de patrimônio como herança coletiva, pode-se dizer que trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural, que confere a um grupo um sentimento coletivo de identidade. Nesse sentido, por patrimônio cultural entende-se tudo aquilo que socialmente se considera relevante no que se refere à conservação, independentemente de sua função utilitária, envolvendo também o que em via de regra, se identifica como patrimônio natural, considerando que refere-se aos elementos e conjuntos naturais, culturalmente selecionados<sup>35</sup>.

Diante disso, convém ressaltar que a cultura produz bens simbólicos que constituem as identidades e configura-se como sistema de representações capaz de produzir as identificações dos sujeitos com o meio no qual estão inseridos<sup>36</sup>. Dessa forma, patrimônio e memória se interrelacionam ao referenciar os conhecimentos que conferem aos grupos sociais, sentimento de pertença a uma determinada cultura ou grupo social. Nesse contexto, a memória confere continuidade histórica e contribui para manutenção e coesão dos grupos, favorecendo a criação de identidades entre seus membros<sup>37</sup>.

<sup>33</sup> BRASIL. Casa Civil. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988, s.p. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 09 out. 2023.

<sup>34</sup> IPHAN, *op. cit.*

<sup>35</sup> PRATS, Llorenç. “El concepto de patrimonio cultural”. In *Política y Sociedad*. Madrid, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, 1998, n. 27, p. 63-76.

<sup>36</sup> SANTANA; SIMÕES, *op. cit.*

<sup>37</sup> HALBWACHS, *op. cit.*; SANTANA; SIMÕES, *op. cit.*; CANDAU, *op. cit.*; RODRIGUES, Donizete. “Patrimônio

Nesse sentido, considera-se a memória como uma construção social do passado, realizada no presente, produzida a partir das relações constituídas entre indivíduos e grupos<sup>38</sup>, e a identidade como fonte de significado e experiência de um povo, numa construção social marcada pela relação dialógica com o outro<sup>39</sup>. Um grupo social toma consciência de sua identidade através do tempo, quando considera situações que envolvem seu passado<sup>40</sup>.

Importante realçar que memória e identidade se reforçam mutuamente na construção e manutenção das identidades socioculturais, sendo esta, o resultado dos esforços de um grupo ao longo do tempo, na construção da memória<sup>41</sup>. Para Silva Júnior e Tavares (2018)<sup>42</sup>, a relação entre memória e identidade acontece à medida em que a identidade se assenta como patrimônio de significado, criando memória e um discurso que respalde a noção de pertencimento. O sentimento de pertença associa-se ao conceito de patrimônio cultural, constituindo vínculos de continuidade e afirmação da identidade, a partir da transmissão de saberes e fazeres. “O sentimento de pertencimento e permanência é o pressuposto básico para a construção da identidade”. Por sua vez, ao possibilitar aos sujeitos sociais o conhecimento de suas origens, o patrimônio torna-se também uma representação da memória, vinculando esses sujeitos a experiências individuais e coletivas, que caracterizam uma trajetória de vida<sup>43</sup>.

Nesse sentido, percebe-se que o patrimônio cultural é reproduzido e preservado através da memória social, tornando-se a herança cultural do passado, vivida no presente e que será transmitida às gerações futuras<sup>44</sup>. Conforme Candau (2016)<sup>45</sup>, patrimônio é identidade em ação. Para Rodrigues (2017)<sup>46</sup>, a construção da identidade, individual ou coletiva, não é inalterável

---

cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos”. In *Revista Letras*. Macapá: Unifap, 2017, v. 7, n. 4, p. 337-361. <https://doi.org/10.18468/letras.2017v7n4.p337-361>. Acesso em: 08 out. 2023.

<sup>38</sup> POLLAK, op. cit. HALBWACHS, op. cit.

<sup>39</sup> CASTELLS, Manuel. *The Power of Identity*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010; ROCHA, op. cit.

<sup>40</sup> HALBWACHS, op. cit.

<sup>41</sup> HALBWACHS, op. cit.; CANDAU, op. cit.

<sup>42</sup> SILVA JÚNIOR, Josemar Elias; TAVARES, Ana Lúcia de Oliveira. “Patrimônio Cultural, Identidade e Memória Social: suas interfaces com a sociedade”. In *Ciência da Informação em Revista*, 2018, v. 5, n. 1, p. 3-10. <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/3775>. Acesso em: 08 out. 2023.

<sup>43</sup> SANTANA; SIMÕES, op. cit., p. 91.

<sup>44</sup> RODRIGUES, op. cit.

<sup>45</sup> CANDAU, op. cit.

<sup>46</sup> RODRIGUES, op. cit.

e padronizada, ao contrário, apresenta-se como transitória, reinventando-se e transformando-se ao longo do tempo.

Assim como o patrimônio cultural, a memória social também é dinâmica e resultado de uma seleção, considerando que nem tudo que é importante para um grupo será lembrado e repassado para as gerações futuras, compreendendo além do mais, que tanto o patrimônio quanto a memória são espaços de disputa e confronto político<sup>47</sup>. Essa capacidade de modelar e selecionar a memória dá ao indivíduo a possibilidade de pensar e ordenar seu passado<sup>48</sup>.

Percebe-se dessa forma, que o patrimônio envolve questões identitárias e de memória social que se relacionam diretamente com o reconhecimento que uma comunidade faz de um bem cultural que lhe pertence<sup>49</sup>. Observa-se que o patrimônio é a ligação com a identidade, aquilo que nos constitui enquanto sujeitos “do” e “no” mundo, a ligação com a natureza e a cultura<sup>50</sup>. No sentido político, o patrimônio é um capital real para o desenvolvimento, um fator de consciência coletiva. Reconhecer a pluralidade de sistemas de conhecimento é crucial para as sociedades sustentáveis<sup>51</sup>.

## Fé e trabalho: o surgimento das oficinas artesanais

O patrimônio é a expressão da identidade histórica e das vivências de um povo<sup>52</sup>. Segundo Lefebvre (2011)<sup>53</sup>, a cidade é a obra de uma história, de pessoas e grupos que realizam essa obra em condições históricas. Para abordar o surgimento das oficinas artesanais, faz-se necessário recorrer ao contexto histórico da povoação de Juazeiro a partir do século XIX, bem como alguns fatos que se constituem importantes marcos referenciais para o desenvolvimento da produção artesanal, a partir do estímulo aos saberes e ofícios.

A povoação de Juazeiro se formou como a maioria dos aglomerados do Nordeste brasileiro, a partir de uma pequena capela de fazenda, cuja

<sup>47</sup> RODRIGUES, *op. cit.*; ROCHA, *op. cit.*

<sup>48</sup> CANDAU, *op. cit.*

<sup>49</sup> SILVA JÚNIOR; TAVARES, *op. cit.*

<sup>50</sup> PADOIN, Maria Medianeira. “História, território e política: a construção da Quarta Colônia. In *Educação patrimonial em territórios geoparques: uma visão interdisciplinar na Quarta Colônia*”. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2021, p. 67-88. <https://www.ufsm.br/editoras/facos/educacao-patrimonial-em-territorios-geoparques>. Acesso em: 08 out. 2023.

<sup>51</sup> PASCUAL, Jordi. *Rio +20 e a Dimensão Cultural da Sustentabilidade*. Portal da Cultura, 2012. [https://campus-euroamericano.org/pdf/pt/PO\\_Advogado\\_Cultura\\_Rio+20\\_Jordi\\_Pascual.pdf](https://campus-euroamericano.org/pdf/pt/PO_Advogado_Cultura_Rio+20_Jordi_Pascual.pdf). Acesso em: 08 out. 2023.

<sup>52</sup> CHOAY, *op. cit.*

<sup>53</sup> LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Centrauro, 2011.

construção foi iniciada em 1827, pelo padre Pedro Ribeiro<sup>54</sup>, cuja localização ficava no entroncamento da estrada empoeirada que ligava a vila de Missão Velha à vila real do Crato, onde frondosos juazeiros ofereciam pouso e descanso a tropeiros conduzindo gado e a viajantes que buscavam comprar ou vender mercadorias. Depois de celebrar algumas vezes no povoado, o recém ordenado Cícero Romão Batista, acompanhado da família, se muda do Crato para o Juazeiro em 1872, decisão que fora avalizada por um sonho, onde Jesus lhe concedia o cuidado e assistência a um povo necessitado<sup>55</sup>.

Há um certo consenso entre a literatura memorialista e acadêmica que aborda o contexto social, econômico e religioso de Juazeiro antes da chegada do Padre Cícero, versando que a povoação apresentava ares de desordem e ignorância, cuja população agia com desrespeito às leis e sem princípios morais. No entanto, notícias veiculadas em jornais estaduais e nacionais, com narrativas sobre as condições sociais e educacionais do lugar, apontam para outra realidade, cuja população vivia em sua maioria, de forma regrada e devotada ao trabalho<sup>56</sup>. Nesse sentido, pode-se pensar que a conotação de desordem associada ao povoado, fora construída ao longo do tempo (século XX), com o intuito de fortalecer a imagem positiva do padre Cícero como benfeitor.

Em 1º de março de 1889, na capela de Nossa Senhora das Dores, no povoado de Juazeiro, ao receber a hóstia das mãos do padre Cícero, a beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo sente a partícula transformar-se em sangue em sua boca. O fato ficou conhecido como o Milagre de Juazeiro. Bastante divulgado na imprensa regional e nacional pelo jornalista José Marrocos, motivou a vinda de uma grande quantidade de pessoas à localidade, em busca do amparo do padre santo<sup>57</sup>. “O milagre projetou o Juazeiro para muito além das terras nordestinas, expondo o Padre aos olhos do mundo”<sup>58</sup>.

O milagre fomentou as romarias, movimento de peregrinação religiosa, que teve início como uma manifestação espontânea da fé popular para

---

<sup>54</sup> BARROS, *op. cit.*

<sup>55</sup> OLIVEIRA, Maria Amália Xavier de. *O Padre Cícero que eu conheci* (verdadeira história de Juazeiro). Fortaleza: Editora Premium, 2001. NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; BARROS, *op. cit.*; CAVA, *op. cit.*

<sup>56</sup> EDWIGES, José Sávio. *Padre Cícero e a verdadeira origem da povoação do Juazeiro*. Fortaleza: Editora Premium, 2006. PINHO, Maria de Fátima Moraes. “Padre Cícero: anjo ou demônio? Teias de notícias e ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915)”. [Tese de doutorado] Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2173.pdf>. Acesso em: 08 out. 2023.

<sup>57</sup> EDWIGES, *op. cit.*; BARROS, *op. cit.*; CAVA, *op. cit.*

<sup>58</sup> BARROS, *op. cit.*, p. 199.

reverenciar o Padre e a terra prometida do Juazeiro<sup>59</sup>. Milhares de romeiros continuavam a chegar e a grande maioria se instalava de forma permanente no lugar, em busca de trabalho e melhores condições de vida<sup>60</sup>.

Em meio às constantes secas que assolavam os sertões, vivia-se uma crônica escassez de mão-de-obra. Com as constantes migrações dos romeiros, Juazeiro e a região circunvizinha irromperam como uma das poucas regiões sertanejas que “adquiriram capital humano, ao invés de perdê-lo”<sup>61</sup>. Entre 1890 e 1909, o número de habitantes da pequena povoação aumentou demasiadamente<sup>62</sup>, mantendo nos anos seguintes um crescimento constante, apresentando em 85 anos (1875-1960), um percentual de aumento populacional significativo de 3.324,7% (Quadro 1). Importante ressaltar que para as informações de temporalidade e percentual de aumento do ano de 1890, foi utilizado o ano de 1875 como base, considerando a disponibilidade de dados do referido ano.

**Quadro 1** – Crescimento demográfico 1875–1960

ANO	POPULAÇÃO	INTERVALO DE TEMPO	PERCENTUAL DE AUMENTO
1875	2.000	-	-
1890	2.245	15 anos	12,25%
1898	5.000	8 anos	122,7%
1905	12.000	7 anos	140%
1909	15.050	4 anos	25,41%
1920	22.067	11 anos	46,62%
1940	38.530	20 anos	74,60%
1950	56.904	10 anos	47,68%
1960	68.494	10 anos	20,36%

**Elaboração:** Autores (2022). **Fonte:** Cava (2014); Lopes (2014).

Percebe-se com os dados do quadro 1, o grande aumento de moradores após os acontecimentos do milagre (1889). A chegada constante de romeiros dispostos a fixar residência na localidade, ativava a necessidade de criação de

<sup>59</sup> CARVALHO, Gilmar. *Madeira matriz: cultura e memória*. São Paulo: Annablume, 1999.

<sup>60</sup> CAVA, *op. cit.*; LOPES, *op. cit.*

<sup>61</sup> CAVA, *op. cit.*, p. 164.

<sup>62</sup> ARAÚJO, *op. cit.*; CAVA, *op. cit.*

soluções viáveis de sobrevivência<sup>63</sup>. O padre Cícero preocupava-se em gerar ocupação para os recém-chegados, considerando que o sistema agrário local não conseguiria absorver toda a mão-de-obra agrícola, e orientava o desenvolvimento dos ofícios através do dueto “cada sala um oratório, cada quintal uma oficina”, fazendo surgir dezenas de pequenas oficinas artesanais domiciliares, caracterizadas sobretudo em dois tipos: produção de bens de consumo não-duráveis e utilitários, atendendo diretamente a demanda dos moradores; e produção de bens simbólicos, voltados a atender os romeiros e devotos<sup>64</sup>.

Progressivamente Juazeiro ia consolidando a imagem de cidade-oficina, cujo movimento migratório, continuado mesmo após a morte do sacerdote em 1934, foi gradualmente dilatando os limites do espaço urbano, alargando-se no rumo das Malvas (atual bairro de Fátima), serra do Horto e os Ariscos<sup>65</sup>, que eram as áreas periféricas que se iniciavam na atual rua Santa Luzia, localizada no bairro centro.

Essa apreciação pelo trabalho diversificado e em pequena escala, contribuiu, sobremaneira, para atrair ao lugarejo um grande número de “artífices e artistas, responsáveis pela riqueza da produção artesanal e pela qualidade da arte popular que Juazeiro do Norte apresenta atualmente”<sup>66</sup>. Nesse sentido, as florescentes oficinas artesanais começaram a preparar o terreno e erguer as primeiras colunas para se afirmar como principal atividade econômica de Juazeiro, já na primeira década do século XX. Ao tempo em que estimulava a produção, o Padre articulava o escoamento através do comércio, fomentando uma ação circular de negócio, como a notória situação em que sugeriu a produção de candeeiros de flandre e criou a procissão de Nossa Senhora das Candeias, em busca de proporcionar assistência espiritual e material, associando fé e trabalho<sup>67</sup>. O **Quadro 2** mostra algumas das tipologias utilizadas na produção artesanal desenvolvida na cidade, bem como exemplos de alguns produtos.

---

<sup>63</sup> HOLANDA, Maria Laudícia. *O político Padre Cícero: entre a religião e a cidadania*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009; ARAÚJO, *op. cit.*

<sup>64</sup> CAVA, *op. cit.*; LOPES, *op. cit.*; JUAZEIRO DO NORTE, *op. cit.*

<sup>65</sup> BARBOSA, Geraldo Menezes. *História do Padre Cícero ao alcance de todos*. 2ª ed. Juazeiro do Norte, CE: Edições ICVC, 1994; LOPES, *op. cit.*

<sup>66</sup> CARVALHO, *op. cit.*, p. 61.

<sup>67</sup> HOLANDA, *op. cit.*; ARAÚJO, *op. cit.*; CAVA, *op. cit.*

**Quadro 2** – Tipologias da produção artesanal

TIPOLOGIA	PRODUTOS
Argila	Panelas, pratos, copos, jarras para armazenar água, fogareiro e brinquedos.
Palha	Cestos, vassouras e esteiras.
Sisal	Cordas e vassouras.
Flandre (material estanhado, composto por ferro e aço)	Candeeiros (lâmparas), bacias, fogões, peneiras, funil, canecas para água, ralador e carrinhos de brinquedo.
Ferro e cobre	Foice, enxada, sinos e peças para relógios de torre.
Ouro e prata	Medalhas, brincos, anéis, alianças e terços religiosos.
Couro	Sapatos, cintos, bancos, chapéus, baús e camas.
Madeira	Estatuetas, terços religiosos, cadeiras, mesas, bancos, camas, colheres, conchas, filtros para cachaça, pilão, revólveres, espingardas e apitos para atrair passarinhos.
Algodão	Tecidos para lençol e roupas, redes para dormir, sacos para grãos e cordão.

**Elaboração:** Autores (2022). **Fonte:** Barbosa (1994); Melo (2010).

A obra “Os artesãos do Padre Cícero”<sup>68</sup> foi apresentada como o resultado da pesquisa financiada pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, caracterizando-se como o primeiro estudo sobre o surgimento de uma tradição artesanal, ligada à devoção ao padre Cícero. Segundo Melo (2010)<sup>69</sup>, a obra tornou-se significativa pela construção de um discurso que relacionou diretamente, devoção religiosa e desenvolvimento econômico.

Seguindo a máxima “de dia trabalho, de noite oração”<sup>70</sup>, os habitantes do povoado desenvolveram saberes e fazeres que constituíram importantes referências culturais, ao tempo em que também, incrementaram a produção artesanal, diversificando a produção e ampliando o comércio, fazendo de Juazeiro um verdadeiro quintal de ofícios.

<sup>68</sup> Consultar RABELLO, Sylvio. *Artesãos do Padre Cícero: condições econômicas e sociais do artesanato de Juazeiro do Norte*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

<sup>69</sup> MELO, Rosilene Alves. “Artes de Juazeiro: imagens e criação no Centro de Cultura Popular Mesre Noza”. *Anais [...]. X Encontro Nacional de História Oral – Testemunhos: História e Política*. Recife: UFPE, 2010.

<sup>70</sup> OLIVEIRA, *op. cit.*

## Um quintal de ofícios: a atividade artesanal e o desenvolvimento regional

De uma configuração eminentemente agrícola, a povoação de Juazeiro passou progressivamente, desde o início do século XX, a se desenhar como um crescente núcleo urbano, onde “a materialidade do espaço econômico guarda vinculação direta com a imaterialidade da fé”<sup>71</sup>. Nas primeiras décadas do século XX, o povoado crescia e aumentavam as necessidades de consumo, ao passo em que o comércio prosperava e a nascente indústria do artesanato começava a se afirmar como principal atividade econômica do lugar<sup>72</sup>.

O plantio e o beneficiamento do algodão, bem como investimentos em maquinários, também favoreceram a produção de artigos artesanais. Menezes e Alencar (1989)<sup>73</sup> mencionaram que em 1902, a primeira máquina de descarregar algodão foi instalada na rua do Salgadinho (atual rua Leandro Bezerra), seguida da máquina a vapor comprada pelo padre Cícero em 1909, com o intuito de aumentar a produção e atender as demandas dos pequenos teares locais, além de valorizar o produto para exportação.

O **Quadro 3** apresenta o vertiginoso crescimento da povoação em relação à ocupação do espaço territorial e às atividades econômicas.

---

<sup>71</sup> ARAÚJO, *op. cit.*, p. 49.

<sup>72</sup> CAVA, *op. cit.*

<sup>73</sup> MENEZES, Fátima; ALENCAR, Generosa. *Homens e Fatos na História do Juazeiro* (Estudo Cronológico – 1827 – 1934). Recife: Editora Universitária, UFPE, 1989.

**Quadro 3** – Caracterização do povoado de Juazeiro em 1872 e 1909

ANO	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
1872	<p>Possuía 2 mil habitantes, 4 ruas, 1 travessa, 1 capela, 32 casas (em sua maioria, cobertas de palha), 1 escola, 1 poço comunitário, 5 engenhos, 5 casas de farinha, 1 oficina de ferreiro e 1 cemitério.</p> <p>Atividade eminentemente agrícola, com um sistema de trocas favorecido por uma pequena feira realizada ocasionalmente com a passagem de mercadores pela localidade.</p>
1909	<p>Registro de 15.050 habitantes, 18 ruas, 4 travessas, 2 praças, iluminação à querosene com posteação.</p> <p>Possuía 23 engenhos com produção de açúcar, rapadura e álcool, 35 casas de farinha, 2 máquinas de descaroçar algodão mecânicas e 1 a vapor, 18 escolas particulares e 2 públicas, 2 farmácias, 2 padarias, 3 barbearias, 10 lojas de tecidos e artigos de aviamentos, 20 bodegas, 20 armazéns, 1 jornal impresso, 1 tabelião, 1 estação telegráfica, 1 coletoria estadual, 1 agência dos correios, 1 tipografia, 2 igrejas, 2 cemitérios.</p> <p>Grande produção artesanal em 138 oficinas (sapateiros, imaginários, carpinteiros, alfaiates, fogueteiros, funileiros, ferreiros, ourives, louceiras etc.), além de uma feira realizada semanalmente, no quadro da Matriz.</p>

**Elaboração:** Autores (2022). **Fonte:** Menezes; Alencar (1989); Barbosa (1994); Edwiges (2011); Cava (2014)<sup>74</sup>.

Em 1904, Pelúcio Correia de Macêdo instalou na rua São José a primeira oficina mecânica de Juazeiro para construir relógios de torre e sinos<sup>75</sup>. Nas primeiras décadas do século XX, algumas oficinas começaram a modificar-se, com artesãos deixando o espaço doméstico para instalarem-se no centro do povoado (**Figura 2**), em ambientes mais amplos e equipados com máquinas, ganhando maior visibilidade e, também, possibilitando melhor comercialização da produção<sup>76</sup>. Importante ressaltar que ao tempo em que alguns ofícios como sapateiros, doceiros, alfaiates, ourives etc., conseguiram instalar-se no centro da cidade, outros continuaram a produzir em espaços domésticos na

<sup>74</sup> MENESES; ALENCAR, *op. cit.*; BARBOSA, *op. cit.*; EDWIGES, José Sávio. *História de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: Editora Premius, 2011; CAVA, *op. cit.*

<sup>75</sup> MENESES; ALENCAR, *op. cit.*

<sup>76</sup> CAVA, *op. cit.*

periferia da cidade, sob a trama das desigualdades sociais que compunham o espaço urbano. Essas desigualdades sociais em variados contrastes, foi muito bem abordada por Lopes (2014)<sup>77</sup>.

**Figura 2** – Exemplos de oficinas instaladas no centro da cidade



**Fonte:** Acervo UFCA. **Legenda:** (a) Sapataria Maximiano (R. São Francisco). (b) Detalhe do jornal “O lavrador” de 1937, anunciando a Tipografia “O Joazeiro” instalada na rua São José. (c) Alfaiataria e Camisaria Iracema (Rua São Pedro). (d) Área interna da Alfaiataria e Camisaria Iracema, onde vê-se o alfaiate Expedito Lima e seus ajudantes.

A produção que continuava a ser feita na periferia, ganhava o centro da cidade para comercialização através das feiras livres, que conforme Porto Alegre (1984)<sup>78</sup>, são importantes espaços de encontros sociais e trocas simbólicas e econômicas. Geraldo Menezes Barbosa (1994, p. 66) e Menezes e Alencar (1989)<sup>79</sup> relatam que em 1924, contando com mais de sessenta ruas, a cidade mantinha uma feira artesanal permanente denominada de “feira nova”, ocupando a área que atualmente se encontra o mercado central, e uma outra

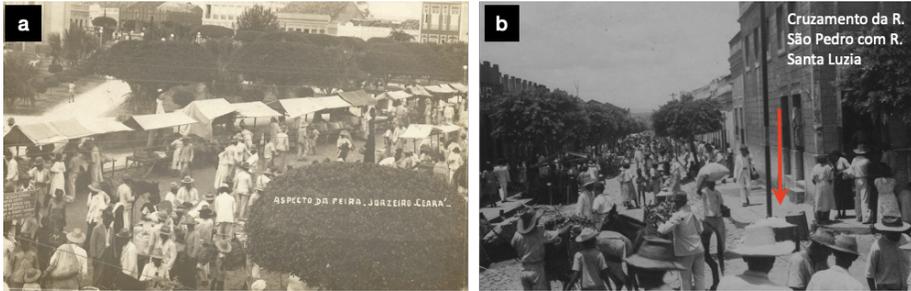
<sup>77</sup> LOPES, *op. cit.*

<sup>78</sup> PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *Mãos de Mestre: itinerários da arte e da tradição*. São Paulo: Maltese, 1994.

<sup>79</sup> BARBOSA, *op. cit.*; MENESES; ALENCAR, *op. cit.*

feira semanal, que ocupava desde a praça da Liberdade<sup>80</sup> (atual praça Padre Cícero), subindo pela rua São Pedro até as proximidades da rua Santa Luzia, conforme mostra a **Figura 3**. Nos anos seguintes, as feiras se encontraram, alargando ainda mais a área de comércio da cidade.

**Figura 3** – Expansão da feira livre a partir da década de 1920.



**Fonte:** Acervo UFCA. Legenda: **(a)** Detalhe da feira livre, ladeando a praça Padre Cícero. **(b)** Ângulo da feira se deslocando em direção à rua São Pedro, chegando até o cruzamento com a rua Santa Luzia, onde se iniciava o Arisco, então, periferia da cidade.

A visão social, política e religiosa do padre Cícero subsidiava a intenção em amparar os recém-chegados, orientando para o trabalho, com incentivo à construção da autonomia e autossustentação, através de um método: o desenvolvimento de um ofício. Nesse sentido, a produção diversificada das oficinas, o comércio e a nascente indústria artesanal, promoveram o crescimento da povoação e fertilizaram o terreno para o desenvolvimento local e regional, através da consolidação do ideário de prosperidade defendido pelo padre Cícero.

No entanto, esse rápido crescimento populacional também abriu espaço para desigualdades sociais, caracterizadas na composição de fronteiras que configuravam diferentes territórios urbanos<sup>81</sup>.

A rápida expansão das finanças e a nova geografia econômica do Juazeiro<sup>82</sup>, contribuíram para o encorajamento da povoação frente ao movimento para adquirir autonomia, a fim de desvincular-se da freguesia do

<sup>80</sup> A praça da Liberdade recebeu essa nomenclatura por ter sido palco para o grito da independência em 1911, e assim permaneceu até 1924, quando passou a ser praça Almirante Alexandrino e somente na década de 1940, passou a ser chamada de praça Padre Cícero (cf. JUAZEIRO, 2020).

<sup>81</sup> HOLANDA, *op. cit.*; LOPES, *op. cit.*

<sup>82</sup> ARAÚJO, *op. cit.*

Crato, à qual pertencia, em busca da emancipação política, articulada desde 1909 e efetivada em 1911<sup>83</sup>. O primeiro jornal impresso, publicado semanalmente, “O Rebate” (1909-1911), surge nesse período com a intenção de apoiar o movimento pela emancipação política de Juazeiro<sup>84</sup>, e que segundo Lopes (2014)<sup>85</sup>, acaba também reforçando a pretensão em construir uma imagem de progresso e modernidade para o Juazeiro, em contraposição à opinião da Igreja, que o via como um lugar de fanáticos.

O recolhimento de impostos estaduais e federais espelhavam a expansão econômica de Juazeiro, repercutindo em muitas localidades da região do Cariri, como por exemplo a criação do primeiro banco da região, instalado em 1921 no Crato, e a extensão da linha-tronco da Rede de Viação Cearense (RVC) em 1926, ligando a capital do Estado do Ceará, ao Juazeiro e ao Crato<sup>86</sup>.

Com o fortalecimento da dimensão do trabalho aliado à fé<sup>87</sup>, foi possível alcançar um dinamismo econômico fomentado pelo surgimento das inúmeras oficinas e pequenas fábricas, que foram aumentando e diversificando a produção para atender às crescentes demandas de consumo da cidade, tendo como exemplo, a indústria de velas, foguetes e artigos religiosos, como rosários, crucifixos, escapulários, além de medalhas de Nossa Senhora das Dores, do padre Cícero e da beata Maria de Araújo, que inicialmente eram feitas de madeira e barro e, posteriormente, de latão, prata e ouro, sendo vendidas localmente e escoadas para mercados de todo o Nordeste do Brasil. Na década de 1950, os ourives aumentaram tanto, que Juazeiro do Norte ganhou notoriedade como a cidade do interior do Brasil com o maior número desses artesãos<sup>88</sup>.

Percebe-se que na primeira metade do século XX, a cidade vivenciava outra dinâmica socioeconômica, moldando uma nova geografia, subsidiada pelo aumento da produção artesanal e a consequente ampliação do comércio; além da instalação de indústrias de beneficiamento de algodão; a ampliação da feira livre; a chegada do trem, através do prolongamento da estrada de ferro de Baturité; a instalação do matadouro modelo, entre outros, ocupando

---

<sup>83</sup> CAVA, *op. cit.*

<sup>84</sup> OLIVEIRA, Naiara Carneiro de; SANDES, José Anderson. “O Rebate – um relato sobre o primeiro jornal impresso de Juazeiro do Norte”. *Anais [...] Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. João Pessoa: Intercom, 2017.

<sup>85</sup> LOPES, *op. cit.*

<sup>86</sup> CAVA, *op. cit.*

<sup>87</sup> ARAÚJO, *op. cit.*

<sup>88</sup> BARROS, *op. cit.*; JUAZEIRO DO NORTE, *op. cit.*

além da extensão central, outras áreas distantes do centro da cidade, como pode ser visto no Mapa Geohistórico (Figura 4).

Figura 4 – Mapa Geohistórico da área de estudo



**Elaboração:** Autores (2023). **Fonte:** Menezes; Alencar (1989); Barbosa (1994)<sup>89</sup>.

Nesse sentido, considera-se que a cultura é o âmago da coesão social e do desenvolvimento de uma economia fundada no saber, adquirindo formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade<sup>90</sup>. Com base nisso, é pertinente ressaltar a importância da atividade artesanal e seu contexto de origem, por caracterizar modos de vida, conhecimentos tradicionais e práticas culturais dos grupos sociais de Juazeiro do Norte, forjando um diversificado Patrimônio Cultural. Nesse sentido, a cultura tem a capacidade de integrar

<sup>89</sup> MENEZES; ALENCAR, *op. cit.*; BARBOSA, *op. cit.*

<sup>90</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Declaração da Diversidade Cultural*. Unesco, 2001. [https://www.peaunesco-sp.com.br/destaque/diversidade\\_cultural.pdf](https://www.peaunesco-sp.com.br/destaque/diversidade_cultural.pdf). Acesso em: 08 out. 2023.

todas as dimensões da sustentabilidade, por representar a diversidade e a capacidade criativa dos povos, configurando o significado profundo de desenvolvimento, compreendido somente a nível local<sup>91</sup>.

A ideia de desenvolvimento está no centro da visão de mundo na contemporaneidade, fundada pelo processo de invenção cultural que avaliza a humanidade como agente transformador do meio, efetivando suas potencialidades<sup>92</sup>. Considerando que o patrimônio imaterial está no cerne da vida cultural e do desenvolvimento comunitário<sup>93</sup>, percebe-se que a valorização e preservação do Patrimônio Cultural como herança coletiva, confere aos seus agentes sociais sentimento de pertencimento, auto estima, equidade e qualidade de vida, condições que se relacionam diretamente com a implementação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), o que potencializa o Patrimônio Cultural como vetor de Desenvolvimento Regional Sustentável.

Uma grande parte dos rendimentos que movimentou Juazeiro, provinha das relações comerciais mantidas pelas oficinas artesanais e pequenas indústrias com outras cidades da região<sup>94</sup>, sendo também pertinente considerar que a continuidade e o aumento constante da quantidade de romeiros ao longo do século XX, teceu uma marca identitária para a cidade de Juazeiro do Norte, como a cidade da fé e do trabalho<sup>95</sup>, amparada nos saberes e ofícios, cujos valores e sentidos promovem sentimento de pertença ao lugar, tornando-se elo de identificação cultural, vetor de transmissão e compartilhamento de experiências vividas<sup>96</sup>, onde o reconhecimento da diversidade reforça a sustentabilidade<sup>97</sup>.

## Baixando as portas da oficina

A relação entre cultura e desenvolvimento sustentável não é uma novidade, ao contrário, tem sido bastante abordada em discussões empreendidas

---

<sup>91</sup> PASCUAL, *op. cit.*; REVERT, Ximo. "Building a Global Citizenship from Cultural Heritage". In *Quaderns de La Mediterrània*. European Institute of the Mediterranean – IEMed, 2019, n. 28-29. <https://www.iemed.org/publication/building-a-global-citizenship-from-cultural-heritage/>. Acesso em: 08 out. 2023.

<sup>92</sup> FURTADO, Celso. *Introdução ao Desenvolvimento, enfoque histórico-estrutural*. 3ª ed. Revisada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000; VEIGA, José Eli. *Para entender o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Editora 34, 2015.

<sup>93</sup> VARINE, Hugues de. *O patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Tradução: Maria de Lourdes Parreiras Horta. Brasil: Editora Medianeza, 2012.

<sup>94</sup> LOPES, *op. cit.*

<sup>95</sup> HOLANDA, *op. cit.*

<sup>96</sup> SANTANA, SIMÕES, *op. cit.*

<sup>97</sup> PASCUAL, *op. cit.*

pelas Nações Unidas e articulada por outras Organizações em nível mundial. Nesse cenário, este trabalho busca contribuir para as discussões acerca da capacidade transformadora que a cultura exerce para o desenvolvimento regional sustentável.

Nesse sentido, é importante perceber que seja ocupando estabelecimentos fixos ou a céu aberto, nas feiras livres, os ofícios desenvolvidos a partir dos saberes e fazeres, favoreceram um cotidiano rico em experiências e expresso em culturas, ao tempo em que fertilizaram o terreno para o desenvolvimento regional através da diversificação da produção artesanal e a ampliação do comércio, criando um importante referencial identitário e de memória histórica e social para a cidade de Juazeiro do Norte.

As identidades se constroem a partir de visões do passado, que funcionam como pontos de referência para determinados grupos e fornecem coerência, no tempo, a seus quadros de representação simbólica<sup>98</sup>. Dessa forma, as oficinas artesanais, pautadas nos saberes e ofícios, constituíram ao longo dos anos (século XX), um importante patrimônio cultural que, nesse contexto, torna-se a contribuição criativa da comunidade de Juazeiro do Norte ao seu próprio desenvolvimento local e também regional, que conforme coloca a Unesco (2015)<sup>99</sup>, é a cultura, como fundamento da identidade de cada lugar, que promove integração regional e desenvolvimento sustentável.

Com isso, à medida em que se relaciona patrimônio, identidade e memória, percebe-se a importância que os ofícios artesanais possuem para o patrimônio cultural da cidade de Juazeiro do Norte, cujo conhecimento e apropriação abrem caminho para a valorização e a preservação dos bens culturais, ao passo em que estimulam a população a usufruir desse patrimônio e, dessa forma, promover o desenvolvimento regional sustentável. Contudo, conclui-se que para a continuidade dessa discussão torna-se relevante conhecer os agentes que atualmente exercem alguns desses ofícios na cidade de Juazeiro do Norte, bem como, suas motivações, benefícios e dificuldades quanto aos seus saberes, fazeres e formas de organização.

<sup>98</sup> SANTANA, SIMÕES, *op. cit.*

<sup>99</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Plano de Trabalho de Cultura para a América Latina e Caribe* (2016-2021). UNESCO, 2015. [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244353\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244353_por). Acesso em: 08 out. 2023.

## Agradecimentos

Agradecimento à CAPES, pelo financiamento da pesquisa e à Universidade Federal do Cariri, pelas imagens históricas cedidas para compor este trabalho.

## Referências

- ARAÚJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- BALTÀ, Jordi; PASCUAL, Jordi. “A cultura nos ODS: perspectivas a partir da ação local e da agenda 21 da cultura”. In *Revista Observatório Itaú Cultural*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020, n. 27, abr.-out., p. 34-45. [https://issuu.com/itaucultural/docs/revista\\_obs27\\_final](https://issuu.com/itaucultural/docs/revista_obs27_final). Acesso em: 08 out. 2023.
- BARBOSA, Geraldo Menezes. *História do Padre Cícero ao alcance de todos*. 2ª ed. Juazeiro do Norte, CE: Edições ICVC, 1994.
- BARROS, Luitgarde Oliveira. *Juazeiro do Padre Cícero, a terra da mãe de Deus*. 3ª ed. Fortaleza: Editora Imeph, 2014.
- BENATTI, Camila; SILVA, Rafael Teixeira da. “Patrimônio Cultural: Desafios para o desenvolvimento sustentável”. In *Revista Estudos Geográficos*. Rio Claro, XII Seminário da Pós-Graduação em Geografia, 2015, 13(0), jan./jun., 178- 196.
- BRASIL. Casa Civil. Decreto-Lei Nº 25, de 30 de novembro de 1937. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0025.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm). Acesso em: 08 out. 2023, s.p.
- BRASIL. Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988, s.p. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 09 out. 2023.
- BURNS, Peter. *Turismo e Antropologia: uma introdução*. Tradução: Dayse Batista. São Paulo: Chromos, 2002.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CARVALHO, Gilmar. *Madeira matriz: cultura e memória*. São Paulo: Annablume, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *The Power of Identity*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CEARÁ (Brasil). Lei Complementar Nº 78. Diário Oficial do Estado do Ceará. Promulgada em 26 de junho de 2009. Série 3. Ano I. Nº 121.

CGLU. “Documento Cultura 21: Acciones”. In Cumbre de la Cultura. Bilbao, 2015. <https://www.agenda21culture.net/es/documentos/cultura-21-acciones>. Acesso em: 08 out. 2023.

CHACON, Suely; NEVES, Francisco Grangeiro. “O papel da cultura na construção da sustentabilidade: um olhar a partir do assentamento agrifama no Cariri cearense”. In *Educação ambiental e sustentabilidade III*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 5ª ed. São Paulo: Estação da Liberdade: Unesp, 2006.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. “Por uma história do Patrimônio Cultural no Brasil”. In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 2012, n. 34, p. 147-165.

EDWIGES, José Sávio. *Padre Cícero e a verdadeira origem da povoação do Juazeiro*. Fortaleza: Editora Premium, 2006.

EDWIGES, José Sávio. *História de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: Editora Premium, 2011.

FARIAS, Taís Costa de. “Patrimônio cultural: a indissociabilidade do patrimônio material e imaterial na cidade de Pombal/PB”. In [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2011.

FRENTE NACIONAL DE PREFEITOS (FNP). Anuário Multicidades: finanças dos municípios do Brasil. 2020, Ano 15, [s.l].

FURTADO, Celso. *Introdução ao Desenvolvimento, enfoque histórico-estrutural*. 3ª ed. Revisada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000;

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HOLANDA, Maria Laudícia. *O político Padre Cícero: entre a religião e a cidadania*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. 3ª ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IDH. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. Malha Municipal. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Panorama – Juazeiro do Norte. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). Ceará em mapas. Fortaleza: IPECE, 2019.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural da pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JUAZEIRO DO NORTE. *Juazeiro do Norte: o coração do Nordeste*. Juazeiro do Norte-CE: Biblioteca Pública Municipal Dr. Possidônio da Silva Bem, 2020.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Centrauro, 2011.

LOPES, Francisco Regis. *O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Tradução: Marcelina Amaral. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

MELO, Rosilene Alves. “Artes de Juazeiro: imagens e criação no Centro de Cultura Popular Mesre Noza”. Anais [...]. X Encontro Nacional de História Oral – Testemunhos: História e Política. Recife: UFPE, 2010.

MENEZES, Fátima; ALENCAR, Generosa. *Homens e Fatos na História do Juazeiro (Estudo Cronológico – 1827 – 1934)*. Recife: Editora Universitária, UFPE, 1989.

NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NUNEZ, Lorraine Oliveira. “As transformações no conceito de patrimônio do IPHAN e suas práticas de tombamento no estado do Espírito Santo”. In *Revista Faces da História*, Assis-SP, 2016, v.3, n. 2, p. 194-212, jul.-dez.

OLIVEIRA, Maria Amália Xavier de. O Padre Cícero que eu conheci (verdadeira história de Juazeiro). OLIVEIRA, Naiara Carneiro de; SANDES, José Anderson. “O Rebate – um relato sobre o primeiro jornal impresso de Juazeiro do Norte”. Anais [...] Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa: Intercom, 2017. Fortaleza: Editora Premium, 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Declaração da Diversidade Cultural. Unesco, 2001. [https://www.peaunesco-sp.com.br/destaque/diversidade\\_cultural.pdf](https://www.peaunesco-sp.com.br/destaque/diversidade_cultural.pdf). Acesso em: 08 out. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Plano de Trabalho de Cultura para a América Latina e Caribe (2016-2021). UNESCO, 2015. [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244353\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244353_por). Acesso em: 08 out. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Cultura e desenvolvimento no Brasil. 2021.

PASCUAL, op. cit.; REVERT, Ximo. “Building a Global Citizenship from Cultural Heritage”. In *Quaderns de La Mediterrània*. European Institute of the Mediterranean – IEMed, 2019, n. 28-29. <https://www.iemed.org/publication/building-a-global-citizenship-from-cultural-heritage/>. Acesso em: 08 out. 2023.

PADOIN, Maria Medianeira. “História, território e política: a construção da Quarta Colônia. In Educação patrimonial em territórios geoparques: uma visão interdisciplinar na Quarta Colônia”. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2021, p. 67-88. <https://www.ufsm.br/editoras/facos/educacao-patrimonial-em-territorios-geoparques>. Acesso em: 08 out. 2023.

PASCUAL, Jordi. Rio +20 e a Dimensão Cultural da Sustentabilidade. Portal da Cultura, 2012. [https://campuseuroamericano.org/pdf/pt/PO\\_Advogando\\_Cultura\\_Rio+20\\_Jordi\\_Pascual.pdf](https://campuseuroamericano.org/pdf/pt/PO_Advogando_Cultura_Rio+20_Jordi_Pascual.pdf). Acesso em: 08 out. 2023.

PINHO, Maria de Fátima Morais. “Padre Cícero: anjo ou demônio? Teias de notícias e ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915)”. [Tese de doutorado] Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2173.pdf>. Acesso em: 08 out. 2023.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1992, v. 5, nº. 10, p. 200-212. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 08 out. 2023.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *Mãos de Mestre: itinerários da arte e da tradição*. São Paulo: Maltese, 1994.

PRATS, Llorenç. “El concepto de patrimonio cultural”. In *Política y Sociedad*. Madrid, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, 1998, n. 27, p. 63-76.

- RABELLO, Sylvio. *Artesãos do Padre Cícero: condições econômicas e sociais do artesanato de Juazeiro do Norte*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.
- RODRIGUES, Donizete. “Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos”. In *Revista Letras. Macapá*: Unifap, 2017, v. 7, n. 4, p. 337-361. <https://doi.org/10.18468/letras.2017v7n4.p337-361>. Acesso em: 08 out. 2023.
- ROCHA, Aline Maria Matos. “Quando o patrimônio se movimenta: memória e identidade como estruturantes da ação coletiva”. In *Patrimônio, povos do campo e memórias: diálogos com a cultura, a arte e a educação* [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2020, p. 33-45. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8hp3p/pdf/oliveira-9786587108605-03.pdf>. Acesso em: 08 out. 2023.
- SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- SANTANA, Gisane Souza; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. “Identidade, memória e patrimônio: a festa de Sant’Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA)”. In *Textos escolhidos de cultura e artes populares*. Rio de Janeiro, 2015, v.12, n.1, p. 87-102.
- SILVA, Elsa Peralta. “Patrimônio e identidade: os desafios do turismo cultural”. In *Antropológicas*. Lisboa, 2000, n. 4, p. 217-224.
- SILVA JÚNIOR, Josemar Elias; TAVARES, Ana Lúcia de Oliveira. “Patrimônio Cultural, Identidade e Memória Social: suas interfaces com a sociedade”. In *Ciência da Informação em Revista*, 2018, v. 5, n. 1, p. 3-10. <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/3775>. Acesso em: 08 out. 2023.
- VARINE, Hugues de. *O patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Tradução: Maria de Lurdes Parreiras Horta. Brasil: Editora Medianeza, 2012.
- VEIGA, José Eli. *Para entender o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Editora 34, 2015.

Artigo recebido para publicação em 24/10/2023.

Aprovado em 04/04/2024.